

## **Mulheres e romances, gêneros perigosos: ideias oitocentistas sobre leitoras e autoras de romances no Reino Unido**

Taís Franciscon<sup>(\*)</sup>

### **Resumo**

O presente artigo explora a relação entre mulheres e romances, um tema bastante discutido ao longo dos séculos XVIII e XIX no Reino Unido em artigos de jornais, prefácios de obras literárias e resenhas críticas especializadas. Apresentarei alguns desses textos com o intuito de demonstrar como ideias sobre leitoras e autoras de romances foram constituídas no período, além de apresentar dados provenientes de histórias literárias feministas.

### **Women and prose, a dangerous gender and a dangerous genre: 19th century ideas on female readers and female writers in the United Kingdom**

### **Abstract**

This article explores the relationship between women and novels, a theme that was intensely discussed in newspaper articles, preface to literary works and critical reviews throughout the 18th and 19th centuries in the United Kingdom. I will present some of these texts in order to demonstrate how ideas of women readers and women authors were constituted in the period, and present some data about this subject from feminist historiographies.

**Palavras-chave:** Século XIX. Reino Unido. Romance. Autoria Feminina. História da Leitura.

**Keywords:** 19<sup>th</sup> Century. United Kingdom. Novel. Women Writing. Book History.

O papel da mulher na sociedade britânica foi um dos grandes temas do século XIX. Anterior ao surgimento oficial da primeira onda do movimento feminista, o Reino Unido oitocentista já fomentava discussões sobre as desigualdades impostas pela noção de gênero – à época ainda chamado de sexo, o que reforçava a falsa ideia de que haveria diferenças naturais e biológicas intransponíveis entre homens e mulheres, e não que essas diferenças resultam de um processo histórico, cultural e social. Já na passagem do XVIII e XIX, Mary Wollstonecraft aquece o debate com a publicação de *A Vindication of the*

---

<sup>(\*)</sup> Mestranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem, IEL-Unicamp. Orientação Profa. Dra. Márcia Abreu. Bolsista CAPES. Integra o Projeto Temático Fapesp “A circulação transatlântica de impressos – a globalização no séc. XIX”. E-mail: [tais.franciscon@hotmail.com](mailto:tais.franciscon@hotmail.com).

*Rights of Woman*, em 1792, tornando-se referência para as lutas por direitos que surgiriam nas décadas e séculos seguintes.

Além de ensaios políticos, um gênero literário passou a ser constantemente relacionado à participação feminina, seja como autoras, leitoras ou personagens: o romance. Não por acaso, a própria Wollstonecraft dedicou-se a ele com *Mary, A Fiction* (1788) e *The Wrongs of Woman, or Maria* (1798, incompleto e póstumo). Se Wollstonecraft era uma das poucas autoras de ensaios políticos no período, o mesmo não pode ser dito quanto aos romances: de fato, conforme explicitarei melhor adiante, havia mais romances escritos por mulheres do que por homens entre 1800 e 1829 no Reino Unido, e a proporção é bastante equilibrada desde meados do século XVIII.

A extensa atuação de mulheres na constituição do romance moderno é ainda fato pouco discutido; e, se não fosse o desenvolvimento de histórias literárias feministas, essa significativa atuação poderia ter sido menosprezada pela academia. Como lembra a pesquisadora australiana Katherine Bode, “a redescoberta, recuperação e revisão da escrita das mulheres tem sido uma das principais características da crítica literária feminista desde os anos de 1970”, o que auxiliou a desconstruir o paradigma de que “os acadêmicos nos (...) estudos literários rotineiramente encontraram uma dominância masculina no campo de autoria” (2008, pp. 435-436).<sup>1</sup>

E não apenas no campo da autoria; a ideia de que mulheres não tinham acesso à leitura nesse período também se revela equivocada. Jacqueline Pearson, em *Women's Reading in Britain, 1750-1835: a dangerous recreation* (1999), recolhe uma série exaustiva de textos que revelam que “foi feita uma estável – e negativa – associação entre mulheres e ficção”, de tal forma que “os leitores de romances eram recorrentemente mais representados como feminino do que os leitores implícitos em gêneros mais sancionados” (1999, p. 196).<sup>2</sup> Portanto, tanto os romances quanto os discursos sobre os romances passaram a constituir ideias sobre mulheres romancistas e leitoras – partindo da premissa de que era um público essencialmente diferente do masculino.

---

<sup>1</sup> Tradução minha de: “The rediscovery, reclamation and revisioning of women’s writing have been major features of feminist literary criticism since the 1970s, especially in the 1980s and early 1990s. (...) whereas scholars in (...) literary studies routinely view the male dominance of authorship”.

<sup>2</sup> Tradução minha de: “The anti-novel literature is voluminous and repetitive: the same stereotypes, like the vulnerability of the novel-reading girl to seduction, and even the same words, like 'poison' and 'soften', recur compulsively. A stable – and negative – association was drawn between women and fiction, and in reviews novel-readers were 'commonly... figured as female' rather than the implied reader, the 'gentle-man or the scholar' of traditionally sanctioned genres”.

Apesar dos esforços dos estudos feministas, a intensa participação feminina na constituição do gênero romanesco permanece pouco discutida. O presente artigo pretende reforçar a relevância do papel das mulheres no romance oitocentista, em uma perspectiva histórica e crítica. Minha intenção não é tentar restituir os passos que fizeram com que alguns autores fossem esquecidos, outros celebrados, tampouco atestar que as mulheres eram romancistas mais relevantes do que os homens – mas sim demonstrar que as mulheres tiveram um papel relevante na propagação do romance, seja no discurso de que elas eram a maioria dos leitores do gênero (algo bastante questionável, mas que foi amplamente difundido no período), seja na participação ativa da escrita.

### **Mulheres romancistas: mais do que exceções**

Dale Spender sempre se interessou em pesquisar relações entre a linguagem e as mulheres em suas pesquisas acadêmicas. O seu livro *Mothers of the Novel* (1987), mencionado anteriormente, nasceu de um acidente de percurso – já no prefácio, deixa claro que “esse não é o livro que tinha me proposto a escrever. Na metade da pesquisa, mudei de ideia” (1987, posição 108).<sup>3</sup> Convencida previamente de que Jane Austen era o grande marco da entrada das mulheres na literatura britânica em prosa ficcional, Spender começou a investigar autoras que publicaram antes dela, suspeitando que seriam escassas. No entanto, a partir de fontes como o *Dictionary of British and American Women Writers 1660-1800*, de Janet Todd, lançado no ano anterior (1985, apud Spender, 1987), descobriu um material muito mais vasto do que poderia supor: mais de 600 romances significativos escrito por mulheres, desde o século XVII.

Assim, Spender percebeu que Austen não foi a fundadora, mas herdeira de uma tradição de mulheres romancistas – uma herdeira de qualidades literárias impressionantes, evidentemente. Apesar de não compartilhar a ideia de Spender de que a maioria das autoras foi apartada das historiografias tradicionais exclusivamente pelo fato de serem mulheres, é inegável que essa tradição de autoras de romances ainda é pouco discutida: histórias literárias que apontam apenas autores masculinos dos séculos XVIII e XIX como os principais autores do período ainda são mais comuns do que as revisões históricas promovidas por autoras feministas.

---

<sup>3</sup> Como utilizei um e-book, não tenho acesso às páginas do livro, mas sim às posições de texto. Tradução minha de: “This is not the book I started to write. Half-way through my research, I changed my mind”.

Algo semelhante ao caso descrito em *Mothers of the novel* aconteceu quando comecei minha pesquisa sobre a presença de romances nos anúncios publicados pelo jornal *The Times* (fundado em 1785 – ainda ativo) entre 1800-1820: foi uma surpresa descobrir que, neste período, mulheres romancistas não eram exceções no meio literário – inclusive, havia mais anúncios de obras escritas por mulheres do que por homens. Dos 391 autores identificados (algumas obras são de autoria desconhecida) nas páginas do jornal londrino, 201 eram mulheres e 188 homens.<sup>4</sup> Dos dez autores mais anunciados, seis são mulheres e quatro são homens (e todos os homens da lista foram posteriormente canonizados), conforme indicado pela Tabela 1.

<b>Autor</b>	<b>Número de anúncios</b>
1. Anna Maria Porter (1780 – 1832)	120
2. Jane West (1758 – 1852)	99
3. Jane Porter (1776 – 1850)	99
4. Amelia Alderson Opie (1769 – 1853)	95
5. Maria Edgeworth (1768 – 1849)	81
6. Walter Scott (1771 – 1832)	77
7. Tobias Smollett (1721 – 1771)	65
8. Ann Radcliffe (1763 – 1823)	56
9. Henry Fielding (1707 – 1754)	39
10. Laurence Sterne (1713 – 1768)	32

Tabela 1: Os dez romancistas com mais anúncios de livros à venda no jornal *The Times*, constando o número de anúncios e o período em que aparecem. Fonte: *The Times Archive*.

Os dados fornecidos pelo *British Fiction Database*<sup>5</sup> confirmam a tendência: dos 1920 romances com autoria identificada publicados no Reino Unido pela primeira vez

<sup>4</sup> Pesquisa efetuada na monografia, como requisito para graduação em Letras – Português, IEL/Unicamp, 2014. Orientadora: Profa. Dra. Márcia Abreu.

<sup>5</sup> O *British Fiction Database* disponibiliza registros bibliográficos de todas as obras de ficção publicadas pela primeira vez entre 1800 e 1829 – ou seja, reedições de romances cujas primeiras edições são anteriores a 1800 não são considerados, por mais numerosas que tenham sido. O banco não se restringe às publicações inglesas, disponibilizando também dados sobre traduções para o inglês, publicadas no Reino Unido pela primeira vez no referido intervalo. Foi produzido no Centro de Pesquisa Editorial e Intertextual da Universidade de Cardiff (Inglaterra), pelos pesquisadores Prof. Dr. Peter Garside, Dra. Jacqueline Belanger e Dr. Sharon Ragaz. Pode ser acessado em: <http://www.british-fiction.cf.ac.uk/> (acesso em 02/08/2016).

entre 1800 e 1829, 1000 foram escritos por mulheres e 920 por homens. O *British Fiction Database* também atesta a popularidade das cinco autoras supracitadas em anúncios de livros à venda em outros dois jornais, o *The Star* (1788 – 1840) e o *Morning Chronicle* (1769 – 1865).

A produção novelística feminina não é sequer uma novidade oitocentista. Em *Living by the Pen: Women Writers in the Eighteenth Century*, Cheryl Turner produz análises estatísticas sobre a presença de mulheres romancistas no período de 1696-1796, quando o romance britânico estava em plena formação (2002, p. 35-37).

Diversos aspectos do romance britânico oitocentista só estão sendo resgatados em pesquisas desenvolvidas nos últimos cinquenta anos – tanto do momento de formação no fim do século XVII e começo do XVIII, quanto do momento de amplo acesso e difusão, ao longo do XIX. Sandra Guardini T. Vasconcelos (s/d) comenta o fenômeno do desaparecimento desses primeiros romancistas das historiografias literárias, lembrando inclusive a presença de “mães-fundadoras” nesse processo:

É desse período de formação que datam os primeiros prefácios que aparecem em obras que praticamente desapareceram da maioria dos manuais de história literária e que só encontram registro nos catálogos de levantamento da ficção publicada no período. Ao lado dos chamados ‘pais-fundadores’ (Richardson, Fielding, Smollett e Sterne), há um sem número de escritores marginalizados, ou simplesmente esquecidos, cujo esforço e contribuição foram fundamentais para consolidar e transmitir a tradição, seja pela renovação, seja pela repetição. Estes romancistas de ‘segundo time’, para usar a expressão de Marlyse Meyer, são importantes justamente porque nos permitem trazer à luz os elos esquecidos no processo de constituição do gênero. Destes, muitos foram mulheres (VASCONCELOS, s/d).

Aqui gostaria de fazer a primeira ressalva ao trabalho de Dale Spender, que afirma que “minhas pesquisas levantaram mais de cem mulheres romancistas antes de Jane Austen e não mais do que trinta homens” (SPENDER, 1987, posição 231).<sup>6</sup> Ao se focar em bibliografias voltadas às produções literárias feitas por mulheres, Spender não traz números muito precisos sobre a produção de homens romancistas. De acordo com o *New Cambridge Bibliography of English Literature*, há pelo menos 120 autores do gênero masculino, com romances publicados a partir de 1660, que não alcançaram prestígio e se mantêm como desconhecidos, assim como as mulheres, segundo o levantamento feito por Pat Rogers (1986, pp. 11-13). Não há motivos para supor que a constituição do cânone desprezou exclusivamente a produção de mulheres – em um cenário de vasta produção

---

<sup>6</sup> Tradução minha de: “(...) my researches have turned up more than one hundred women novelists before Jane Austen and no more than thirty men”.

romanesca, autores homens e mulheres necessariamente seriam apartados desse processo de seleção.

A relação entre mulheres e romances chamou a atenção de outra herdeira de qualidades literárias impressionantes: Virginia Woolf, no ciclo de palestras *Um teto todo seu* (1929) e no ensaio “A mulher e a ficção” (in *Granite and Rainbow*, 1958). Em ambos, Woolf questiona a ausência de mulheres na literatura em um longo período de tempo, desde as poesias de Safo de Lesbos e seu grupo, 600 anos antes de Cristo, até a “extraordinária explosão da ficção no começo do século XIX na Inglaterra” (WOOLF, 1958, p. 78),<sup>7</sup> reconhecendo que questões de dependência financeira e social as separavam da possibilidade da escrita: “uma mulher tem que ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção” (WOOLF, 1929, p. 1).<sup>8</sup> Mais do que isso, reconhece como a falta de escolaridade estava intrinsicamente ligada a esses “estranhos espaços de silêncios e de falas” (WOOLF, 1958, p. 77).<sup>9</sup>

### **“Escravas do vício”: romances, moralidade e a crítica literária**

No texto “Uma comunidade letrada transnacional” (2014), Márcia Abreu demonstra que as semelhanças entre Inglaterra, França, Brasil e Portugal não eram restritas aos romances presentes nas prateleiras de bibliotecas e livrarias; elas também estavam nas ideias sobre o gênero romanesco. Ao ler os trechos de críticas publicadas nos quatro países em que se condenam a inutilidade e a falta de moralidade dos romances, publicados mais ou menos no mesmo período,<sup>10</sup> percebemos que o aumento da oferta de romances não foi recebido com muito entusiasmo (ABREU, 2014, p. 95).

O romance, encarado como um gênero menor, desprovido de tradição e de qualidades estéticas, preocupava tanto pelo rápido aumento de sua produção quanto por sua disseminação – ainda que a quantidade de leitores fosse bastante distinta entre os quatro países no período. Um dos motivos para o desalento, segundo Abreu, é a preocupação diante do novo público leitor: “destacando-se alguns grupos específicos: mulheres, jovens e pobres. Quando as três características se somavam, ou seja, no caso

---

<sup>7</sup> Tradução minha de: “(...) the extraordinary outburst of fiction in the beginning of the nineteenth century in England”.

<sup>8</sup> Tradução minha de: “(...) a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction”.

<sup>9</sup> Tradução minha de: “Strange spaces of silence”.

<sup>10</sup> Inglaterra, 1787; França, 1810; Brasil, 1812 e Portugal, 1817).

das jovens mulheres sem recursos financeiros, as críticas eram ainda mais mordazes” (ABREU, 2014, p. 95-96).

“Mordazes” é realmente um termo pertinente para as condenações dirigidas às jovens mulheres leitoras recolhidas por Jacqueline Pearson (1999), mencionado anteriormente. A falta de instrução típica do grupo era algo preocupante, que exigia constante supervisão. Perigosos gêneros em consonância: o feminino e o romance. Para exemplificar, selecionei dois exemplos longos e mordazes em que abundam estereótipos negativos de mulheres, de romances e de classes sociais baixas:

Mulheres de todas as idades, em todas as condições, contraem e retêm um gosto por romances. (...) A depravação é universal. Minha visão é ofendida em toda parte por estes livros tolos, e ainda assim perigosos. Eu encontro-os em toaletes da nobreza, e na bolsa de trabalho das costureiras; nas mãos de uma senhora descansando no sofá, e nas mãos da senhora que se senta no balcão. Das amas dos nobres, eles descendem às amantes em lojas de tabaco – das belas que os leem nas cidades, às sirigaitas que os soletram no campo. Eu já vi mães em miseráveis sótãos chorando pelo sofrimento imaginário de uma heroína, enquanto seus filhos choravam de fome; e mulheres de família perderem horas com romances na sala, enquanto suas criadas, emulando o exemplo, trabalhavam de maneira parecida na cozinha. Eu vi moças ajudantes de cozinhas com o pano de prato em uma das mãos e o romance na outra, soluçando as dores de Julia ou de Jemima. (*Sylph* no. 5., 6 de outubro, 1796, Pp. 36-37, apud VOGRINČIĆ, 2008, p. 104).<sup>11</sup>

(...) E o que é de longe de maior importância, a castidade – a pura e imaculada CASTIDADE – será em breve apenas um atributo desejável às mulheres. Se essa depravada moda estivesse circunscrita à alta sociedade, eu acho que dificilmente teria dificuldades em lidar com os meus sentimentos (...). Mas como todas as modas, em poucos dias isso chegou a marca de milhões, e hoje em dia a palavra mulher é sinônimo de infâmia. Eu tive alguma dificuldade em traçar a fonte dessa grande calamidade nos setores médios da sociedade (...) e aqueles primeiros que fizeram da leitura de romances um ramo indispensável na formação das mentes de jovens mulheres têm muito o que responder. Sem esse veneno inculcado nas veias, como tem sido, as fêmeas da vida comum não teriam se tornado tão escravas do vício. (...) “E foi a leitura de romances culpada por isso? ”, pergunta-me alguma mulher gentil e sensata que, se tivesse contato com esse tipo de entretenimento, dificilmente existiria; “foi a leitura de romances a responsável por

---

<sup>11</sup> Tradução minha de: “Women, of every age, of every condition, contract and retain a taste for novels (...) The depravity is universal. My sight is every-where offended by these foolish, yet dangerous, books. I find them on the toilette of fashion, and in the work-bag of the sempstress; in the hands of the lady, who lounges on the sofa, and of the lady, who sits at the counter. From the mistresses of nobles they descend to the mistresses of snuff-shops – from the belles who read them in town, to the chits who spell them in the country. I have actually seen mothers, in miserable garrets, crying for the imaginary distress of an heroine, while their children were crying for bread: and the mistress of a family losing hours over a novel in the parlour, while her maids, in emulation of the example, were similarly employed in the kitchen. I have seen a scullion-wench with a dishclout in one hand, and a novel in the other, sobbing o’er the sorrows of Julia, or a Jemima”.

condutas tão fracas? ”. Eu respondo que sim! É nessa escola que as pobres mulheres iludidas absorvem seus princípios errôneos, e dali seguem uma flagrante linha de conduta viciosa. (Novel reading, a cause of female depravity”. In *The New England Quarterly Magazine*. No. 1, abril - junho, 1802. Pp. 173-174).<sup>12</sup>

O segundo texto citado, “Leitura de romances: a causa da depravação feminina”, foi bastante explorado pela imprensa, constando em pelo menos quatro jornais: sua primeira aparição foi, segundo Vasconcelos (2007, p. 582), no *Monthly Mirror*, vol. IV., em novembro de 1797; depois, numa publicação estadunidense que replica textos da imprensa britânica, *The New England Quarterly Magazine*, no. 1, abril-junho de 1802, conforme a citação; no jornal dedicado ao público feminino *La Belle Assembleé*, em maio de 1817, com alterações no texto; e por fim, na *The Atheneum, Or, Spirit of the English Magazines*, vol. 1, abril-outubro de 1817, outra publicação dos Estados Unidos formada “pelo melhor dos escritos” do Reino Unido.

Se o interesse das mulheres pela leitura de romances já tinha alcançado a “marca de milhões” e surtia efeitos em seus leitores, nesse momento se percebe o potencial do romance como formador moral e instrutivo. Não podendo evitar sua dispersão, havia a possibilidade de discriminar seu conteúdo. Márcia Abreu mais uma vez observa uma “notável homogeneidade nos critérios de avaliação”, sendo a “aferição da moralidade do texto” um dos mais empregados. Para combater os romances sórdidos, nada como os romances morais (ABREU, 2014, p. 97).

A crítica do final do século XVIII e de todo o século XIX dedica-se a avaliar a qualidade dos romances em circulação na certeza de que a literatura produzia efeitos em seus leitores, baseando-se, entre outros critérios, na segurança ou perigo dos efeitos que estes poderiam provocar em seus leitores. Portanto, havia um forte elo entre a crítica, que separava o “joio do trigo, identificando romances bem-sucedidos ou, ao menos, toleráveis” (IDEM), o público-leitor, que muitas vezes só conhecia a educação através

---

<sup>12</sup> “Novel reading, a cause of female depravity”. In *The New England Quarterly Magazine*. No. 1, abril - junho, 1802. Pp. 173-174. Tradução minha de: “(...) and what is of far greater importance that chastity – pure and spotless CHASTITY – will once mere be the darling attribute of women. Had fashionable depravity been confined to the higher circles of life I think I should hardly have troubled you with these my sentiments (...).But, like every other fashion, a little day hands it down to the million and woman is now but another name for infamy. I have been at some trouble to trace to its source this great calamity in the middling orders of society (...) and I find those who first made novel-reading an indispensable (sic) branch in forming the minds of young women have a great deal to answer for. Without this poison instilled as it were into the blood females in ordinary life would never have been so much the slaves of vice (...). ‘And was novel reading the cause of this? ’, inquires some gentle fair one, who, deprived of such an amusement, could hardly exist; ‘was novel reading the foundation of such frail conduct? ’. I answer yes! It is in that school the poor deluded female imbibes erroneous principles and from thence pursues a flagrantly vicious line of conduct (...)”.

das leituras de romances, e romancistas, que sabiam das exigências direcionadas enfaticamente ao seu gênero literário.

Frances Burney (1752 – 1840) demonstra plena consciência da cobrança da moralidade em seu prefácio de *Evelina*, de 1778, de forma que temos a impressão, num primeiro momento, de que ela só poderia estar se referindo a um gênero do qual jamais tomou parte: “talvez fosse possível efetuar a extirpação total dos romances; nossas jovens em geral, em particular as donzelas dos internatos, poderiam lucrar com a sua aniquilação; (...) certamente todas as tentativas de contribuir para o número daqueles que podem ser lidos, se não com vantagem, pelo menos sem lesão, devem sim ser mais encorajados do que desprezados” (BURNEY, Fanny, 1778, p. 8, apud VASCONCELOS, 2007)

A moralidade vitoriana acirrou ainda mais os papéis de gênero da sociedade britânica, a ponto de ser considerado o período mais normativo da história para Kathryn Hughes, historiadora da Universidade de Oxford, segundo seu esclarecedor ensaio para o site da *British Library*, “Gender roles in the 19th century” (s/d). Ela explica que, segundo a teoria das “esferas separadas”, as mulheres eram vistas como perfeitamente designadas para a esfera doméstica pelo fato de serem mais fracas que os homens e superiormente morais. O homem, com permissão para circular na “esfera pública”, deveria ser um provedor patriarcal com pleno controle de suas forças, tanto a física quanto a econômica.

Os romances, capazes de corromper a moral das mulheres, significava um risco para o equilíbrio das esferas; daí a importância da CASTIDADE, colocada em letras maiúsculas no artigo publicado pela *Monthly Mirror*. Se o puritanismo corrente condenava a sexualidade como perversão, a sexualidade feminina era particularmente insidiosa. Marlyse Meyer cita um longo trecho proveniente do livro *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna* em que Leites explica esse duplo padrão: “Os homens ainda deveriam ser virtuosos, (...) mas podiam ser menos e ainda assim verdadeiros homens. O valor exemplar da masculinidade não era procurado na perfeição moral, mas na vontade de comando. As demandas da consciência eram distribuídas, dentro de certa extensão, entre as mulheres” (LEITES, 1987, apud MEYER, 2001, p. 63).

A educação feminina passa a ser desejável para que as mães tenham capacidade de educar seus filhos de maneira adequada. Governantas e internatos, como o mencionado por Burney em seu prefácio, eram especializados em fornecer “accomplishments” às garotas, como a aquisição de leitura e escrita, conhecimento de línguas, de música e de desenho. Contudo, todos esses ensinamentos eram acompanhados de restrições comportamentais, como moderação do tom de voz e expressões corporais.

Hughes enfatiza que mulheres acusadas de serem *blue-stocking* dificilmente conseguiriam se casar. A expressão nasce de um dos primeiros salões literários que permitiam a participação de ambos os gêneros, a *Blue Stockings Society*, cuja primeira anfitriã fora a crítica Elizabeth Montagu (1720 – 1800), para designar “mulheres desprovidas de feminilidade e exibicionistas, de tal maneira que tentavam usurpar a superioridade intelectual ‘natural’ dos homens” (HUGHES, s/d).<sup>13</sup> Seus membros incluíram Hannah More (1745 – 1833) e Frances Burney – o que nos lembra que, embora sejam consideradas autoras conservadoras atualmente, ainda assim tiveram que romper paradigmas para se tornarem mulheres de letras. As chacotas ao *Blue Stockings Society* eram frequentes na imprensa e não cessaram com o passar dos anos, persistindo até o século XIX. Os perigos das mulheres intelectuais eram quase tão sérios quanto o das mulheres que vivenciavam sua sexualidade sem repressões.

Contudo, a moral não era o único quesito levado em conta para a crítica literária. Márcia Abreu demonstra que mesmo os mecanismos da censura averiguavam as obras a partir de enredo, personagem, estilo de linguagem e temática. Descrições e incidentes deveriam ser bem dosados para não enfadar os leitores e garantir mais fluidez na leitura. A consonância nos quatro países aparece mais uma vez com os seguintes critérios, que garantiam que bons romances eram dotados de:

(...) estilo (elocução) e linguagem corretos, uma boa invenção (escolha do incidente) e belas descrições, cenas que provocassem emoção (patético), uma adequada disposição da matéria (ordem, nexos e educação), uma boa construção de personagens, um enredo atraente com um desenlace interessante e, sobretudo, plausível, evitando os arrastamentos (*longueurs*). (...) Além de instruir, deleitar e moralizar. (ABREU, 2014, p. 99-100).

Instruir e deleitar, outro aspecto fundamental para a educação do público leitor dos romances; assim como a moral passou a ser defendida como fundamental para evitar a propagação de vícios, o romance que fosse capaz de educar e ensinar seus leitores era considerado vantajoso. Seja com ensinamentos sobre outros países, com os romances de viagens, ou sobre tempos remotos, com os romances históricos, os subgêneros passaram a ser valorizados pelas possibilidades de instrução.

Mas de todos os critérios que separam a crítica literária dos séculos XVIII e XIX da desenvolvida no século XX, o moralismo certamente é o mais distante. Ironicamente,

---

<sup>13</sup> Tradução minha de: “Blue-stockings were considered unfeminine and off-putting in the way that they attempted to usurp men’s ‘natural’ intellectual superiority”.

o valor estético mais utilizado para incluir mulheres romancistas no rol de grandes autores foi utilizado posteriormente para excluí-las, segundo Cheryl Turner (2002, p. 1):

Considerações morais são parte da teia de ideias em que se baseiam tais avaliações de valor literário, e tem sido usado por alguns historiadores para justificar a sua rejeição da ficção desenvolvida por mulheres – particularmente a do começo do século XVIII – na base de que seria lúbrica. Desaprovação ou indiferença à escrita das mulheres, sustentadas por razões estéticas ou morais, tem contribuído para um alto nível de ignorância sobre o alcance e a dimensão da participação das mulheres no mercado literário (...).<sup>14</sup>

Turner ainda faz um apelo: se no passado alguns historiadores acreditavam que a permanência de determinados livros e o desaparecimento de outros se davam em bases evolutivas (ou seja, os melhores iriam sobreviver e os piores, padecer), hoje sabemos que critérios de avaliação estética são mutáveis, de forma que livros antes excluídos podem vir a ser resgatados (TURNER, 2002, p. 1).

Aproveito para fazer mais uma ressalva à pesquisa de Spender, que diz sumariamente que “se as regras da crítica literária fossem explícitas, a primeira de todas elas seria que o sexo do autor é o fator mais importante em qualquer teste de grandiosidade e de preservação para a posteridade” (SPENDER, 1987, posição 3045).<sup>15</sup> Afirmação que busca enfatizar um processo de exclusão, que efetivamente existiu, mas que desconsidera que mesmo o cânone mais conservador inclui pelo menos quatro mulheres romancistas deste período: Jane Austen, George Eliot, Charlotte e Emily Brontë.

O mesmo pode ser ponderado em frases como “quando o valor das mulheres escritoras não é baseado em qualquer consideração sobre sua escrita, a única conclusão plausível é que o seu valor é determinado por seu sexo” (IDEM).<sup>16</sup> Com todas as dificuldades inerentes à participação feminina na esfera pública, ainda mais na literária, não seria preciso um esforço consciente da crítica literária para excluí-las desse espaço: as próprias condições já realizavam esse serviço.

---

<sup>14</sup> Tradução minha de: “Moral considerations are part of the web of ideas underlying such assessments of literary worth and these have been used by some historians to support their rejection of women's fiction – particularly their early eighteenth-century fiction – on the grounds that it is lubricious. Sustained disapproval or indifference to women's writing, for aesthetic or moral reasons, has contributed to a high level of ignorance about the scope and scale of women's involvement in the literature market (...)”.

<sup>15</sup> Tradução minha de: “If the laws of literary criticism were to be made explicit they would require as their first entry that the sex of the author is the single most important factor in any test of greatness and in any preservation for posterity”.

<sup>16</sup> Tradução minha de: “And when the worth of women writers is not being based on any consideration of their writing, the only conclusion which can be drawn is that their worth is being determined by their sex”.

Especialmente pressionadas a produzir romances morais, sob o risco de entrarem para a lista de autoras a serem aniquilados ou extirpados, nas palavras duras de Burney, as romancistas que foram bem-sucedidas na tarefa de instruir seus leitores ao caminho da virtude passaram a ser recomendáveis para a leitura no oitocentos; mas para o critério da crítica dos séculos XX e XXI, a moralidade acentuada é um defeito que as distanciam dos parâmetros do cânone.

### **Negócios à parte: mercado literário e profissionalização de escritores**

Como se pode observar, algumas pesquisas têm sido desenvolvidas para resgatar as ligações entre o gênero romanesco e o gênero feminino. O livro *Living by the pen* é interessante por inserir nesse debate o papel do mercado literário e a profissionalização de autores. Com o mercado livreiro não mais restrito ao público-alvo de homens adultos e letrados, por conta da expansão do público leitor, a demanda por romances passa a ser evidentemente maior e, por consequência, torna-se interessante financeiramente. Assim, a literatura passou a ser uma das poucas possibilidades de independência financeira feminina.

Em “A anatomia da ficção”, outro ensaio de *Granite e Rainbow*, Woolf relembra a importância das produções novelísticas de autores como Clara Reeve, Ann Radcliffe, Monk Lewis, Charles Maturin e Sarah Wilkinson. Apesar de não identificar qualidades em suas obras, Woolf pondera: “Se nossos ancestrais compraram dois mil exemplares de *Beggar Girl and her Benefactors*, de Mrs. Bennett, (...) ele deve ter algo de apetitoso a oferecer, ainda que haja algo de grosseiro nesse apetite. É educado dar aos nossos ancestrais o benefício da dúvida. Vamos tentar nos colocar em seus lugares” (WOOLF, 1958, p. 57 e 58).<sup>17</sup>

Woolf reconhece que, mesmo que determinados romances não sejam considerados bons em sua composição ou estética, sua vasta expansão deve ser motivo de interesse. De volta ao “Mulheres e ficção”, há outro resgate dos não-extraordinários:

A mulher extraordinária depende da mulher comum. Será somente quando conhecermos as condições de vida da mulher média – quantos filhos teve, se tem dinheiro de seu, se tem um teto todo seu, se foi ajudada na criação da família, se tinha empregada ou não, que parte lhe

---

<sup>17</sup> Tradução minha de: “Yet since our ancestors bought two thousand copies of Mrs. Bennett's *Beggar Girl and her Benefactors*, on the day of publication, at a cost of thirty-six shillings for the seven volumes, there must have been something in the trash that was appetizing, or something in the appetites that was coarse. It is only polite to give our ancestors the benefit of the doubt. Let us try to put ourselves in their places”.

cabia no trabalho de casa –, será somente quando pudermos avaliar o modo de vida e a experiência de vida possíveis para a mulher comum, é que poderemos então compreender o sucesso ou o fracasso da mulher fora do comum como escritora (WOOLF, 1958, p. 77).<sup>18</sup>

Compreender a vida da mulher comum é imprescindível para compreender como era possível que as mulheres conseguissem adentrar o mundo das letras. Valorizando as mulheres extraordinárias que fizeram literatura, Woolf se lembra da relevância de se estudar as desconhecidas.

Eliza Parsons (1739 – 1811), filha de uma família próspera, casada desde os 21 anos, se viu obrigada a se sustentar pela literatura depois que seu marido e quatro de seus filhos morreram (BLAIN, 1990, p. 835). Charlotte Smith (1749 – 1806), autora de *Celestina*, passou a escrever depois que seu marido foi preso por dívidas para sustentar seus doze filhos (MEYER, 2001, p. 56). Mary Robinson (1757 – 1800), que participava ativamente da cena artística desde 1775, com poesias, peças de teatro e romances, foi encarcerada com seu então marido por meses, também por dívidas, abandonando-o depois para viver como amante pública do Príncipe de Gales, que posteriormente viria a se tornar o Rei George IV do Reino Unido (ROBINSON, 1895).

Irmãs que nunca se casaram firmam-se como romancistas em parceria para se sustentar, como Anna Maria e Jane Porter (LEE, 1896, pp. 182-184), dois grandes sucessos do jornal *The Times*, sendo responsáveis por 223 anúncios de romances entre 1800 e 1820, escrevendo metade dos 10 livros mais frequentes; como Sophia (1750 – 1824) e Harriet Lee (1757 – 1851), autoras de romances e peças de teatro (ARCHBOLD, 1892, p. 32); além, evidentemente, do célebre trio Anne, Emily e Charlotte Brontë, que dispensam apresentações; entre tantas outras.

As críticas da participação de mulheres nos romances, como leitoras ou como autoras, não estão circunscritas ao período histórico definido por Pearson (no caso, 1750-1835); elas aparecem em historiografias e críticas literárias especializadas desenvolvidas no século XX. J. M. S. Tompkins, um dos primeiros acadêmicos britânicos a estudar a literatura popular no século XVIII, coloca as mulheres como responsáveis pela queda da

---

<sup>18</sup> Tradução minha de: “The extraordinary woman depends on the ordinary woman. It is only when we know what were the conditions of the average woman's life — the number of her children, whether she had money of her own, if she had a room to herself, whether she had help in bringing up her family, if she had servants, whether part of the housework was her task — it is only when we can measure the way of life and the experience of life made possible to the ordinary woman that we can account for the success or failure of the extraordinary woman as a writer”.

qualidade dos romances pós-1770, justamente por conta do interesse comercial envolvido nas publicações de romances:

O estabelecimento de bibliotecas circulantes, que eram oferecidas especialmente ao lazer das mulheres, conspirou com o fracasso na sucessão de homens romancistas de poder e seriedade, posição alçada por Fielding, a rebaixar-se na forma de recreação feminina. As mulheres, para juntar as pontas da argumentação, gostavam de ler o que outras mulheres tinham escrito, a fim de conhecer livros que refletiam seus próprios interesses e pontos-de-vista; era uma forma de prazer, e garantiu ocupação abundante para “as suas mulheres escritoras de romance, as suas máquinas de fiar” (TOMPKINS, 1932, p. 120, apud TURNER, 2002, p. 8).<sup>19</sup>

Em outra direção, Marlyse Meyer não condena a presença feminina nas bibliotecas circulantes, sejam leitoras ou escritoras, mas compreende os gabinetes de leitura circulantes como uma estratégia de aumento do acesso à leitura e como forma de independência financeira feminina, por serem “hábeis conhecedores do gosto do mercado, que ao mesmo tempo suscitavam e satisfaziam a voracidade por ficção”. Conseguir trabalhar em uma casa editorial que abastecia esses gabinetes era, “para as mulheres acuadas à luta pela sobrevivência, um modo de garantir o pão cotidiano” (MEYER, 2001, p. 48).

Além das críticas por conta da emancipação financeira feminina através da literatura, críticos literários relevantes, como Samuel Hall, passaram a cobrar que as mulheres ligadas ao campo dos impressos se manifestassem de maneira contrária ao movimento por direitos das mulheres a partir de 1870, como vemos no trecho a seguir:

É motivo de profundo pesar, de intensa tristeza, de fato – “que seja dito, para a sua vergonha” – que as mulheres tenham inaugurado recentemente um 'movimento' pela criação do que elas chamaram de 'Direitos das Mulheres', e entre seus zelosos e impensáveis defensores constam algumas – muito poucas – Mulheres das Letras. Eu acredito que esta 'organização' está grávida de um perigo incalculável não só para os homens, mas especialmente para as mulheres; e que, se essa 'reivindicação' seja atendida e as mulheres sejam deslocadas de suas esferas próprias, a sociedade, alta e baixa, receberá um choque que não apenas convulsionará, mas rasgará seu tecido. (HALL, 1877, p. 132).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Tradução minha de: “The establishment of circulating libraries, which catered especially for the women’s leisure, conspired with the failure in the succession of male novelists of power and seriousness to push back the novel from the position which Fielding had claimed for it and to debase it into a form of female recreation. Women, to complete the link in the argument, liked to read what women had written, to meet in books with a reflection of their own interests and point of view; it was a new pleasure, and gave such plentiful occupation to ‘your female novel writers, your spinning-jennies’”.

<sup>20</sup> Tradução minha de: “It is matter for deep regret, for intense sorrow indeed – ‘be it spoken, to their shame’ – that women have recently inaugurated a ‘movement’ for the creation of what they call ‘Woman’s Rights’, and that among its zealous, but unthinking advocates are a few – very few – Women of Letters. (...) I believe this ‘movement’ to be pregnant with incalculable danger to men, but especially to women; and that, if the ”

Antes de se tecer críticas ao envolvimento de autoras em estratégias de vendas de livros, é necessário levar em consideração as condições materiais para que uma publicação impressa venha a existir: publicar um livro, numa Inglaterra recém-industrializada e capitalista, envolve a negociação entre editores, tipógrafos, livreiros – é impossível escapar de questões comerciais e financeiras ao se publicar um livro. Esse tipo de crítica também recai injustamente sobre grupos que tinham dificuldade de acesso a fontes de renda como empregos, cargos públicos ou herança de família – de forma que afeta especialmente mulheres e homens oriundos das classes baixas. Ao se falar sobre a relação de mulheres e romances, Marlyse Meyer alerta que esse tipo de discussão “diria respeito à mulher como autora, como personagem principal, como destinatária privilegiada; à perda de status que pode representar para a autora sua intensa comercialização pelas *circulating libraries*” (MEYER, 2001, p. 96).

Uma autora renomada pelo cânone britânico esteve envolvida em estratégias bastante comerciais de vendas: George Eliot. Em *The Business of the Novel*, Simon R. Frost diz ter escolhido uma autora de qualidades literárias inquestionáveis para debater a dimensão comercial da literatura justamente para demonstrar que essas relações são inevitáveis – autores, canônicos ou não, estarão envolvidos no processo de comercialização.

As relações entre economia e estética existem. Nós estudamos as obras de arte em termos de experiência estética ou por suas formas estéticas, mas, quando uma obra de arte tem uma dimensão material, nós também ganhamos a oportunidade de estudar economicamente os pontos nos quais o material da obra é produzido, distribuído e consumido. Quando a grande arte inclui obras de arte e romances transmitidos pelo comércio industrial, os pontos de contato entre a estética e economia são frequentes (FROST, 2012, p. 1).<sup>21</sup>

George Eliot teve que negociar todos os aspectos materiais da publicação de *Middlemarch* com seu editor, John Blackwood, e o tipógrafo Lewes. Entre a possibilidade de publicá-lo como as edições mensais a um xelim (muito utilizado por Dickens), ou o luxuoso modelo de 3-volumes a 31 xelins e meio (que custava aproximadamente metade de um salário de trabalhador), a equipe Eliot-Blackwood-Lewes lançou uma nova forma

---

claims" be conceded and women be displaced from their proper sphere, society, high and low, will receive such a shock as must not only convulse, but shatter, its fabric”.

<sup>21</sup> Tradução minha de: “Relations between economics and aesthetics do exist. We study works of art in terms of aesthetic experience or for their aesthetic forms but, when a work of art has a material dimension, we also gain the opportunity for economic study at these points where the work’s material is produced, distributed and consumed. When great art includes works of art and published literary novels transmitted by industrial trade, the points of contact between aesthetics and economics are frequent”.

de publicação: dividir o romance em oito livros, divididos em duas partes, contendo quatro volumes em cada, ao preço de 5 xelins cada parte (FROST, 2012, p. 3).

Assim, conseguiram unir o preço e a serialização de Dickens com o formato que “se parece com a luxuosa edição em 3-volumes, com tipografia similar, páginas espaçadas e com papel de qualidade, mas no tamanho de um livro de bolso” (IDEM),<sup>22</sup> muito mais barato. Além das questões comerciais envolvidas na produção do romance, George Eliot viria a se tornar a garota propaganda de produtos variados na virada do século XIX, como bicicletas e molhos de tomate (FROST, 2012, pp. 165-171). A descrição dos produtos remete a aspectos levantados pela crítica literária de suas obras, como a fidelidade à paisagem e aos costumes típicos ingleses.

Por exemplo, diz a inscrição no frasco do molho de ketchup que leva seu rosto na embalagem: “O ketchup nesta garrafa é o resultado garantido de cogumelos reais frescos, reunidos do prado em torno do local de nascimento de George Eliot, e é a mais pura forma de ketchup de cogumelo disponível” (FROST, 2012, p. 173). Como ironicamente observa Frost, “as terras em que Eliot brincava quando criança, que serviram de inspiração para definir uma forma particular da vida inglesa, (...) que permitia aos seus leitores a possibilidade contemplar, focar sobre, viajar para, andar sobre, e agora também provar, eram lugares partilhados tanto pela literatura de Eliot quanto por um frasco de ketchup” (IDEM).<sup>23</sup>

### **Considerações finais**

O século XIX marcou diversas mudanças comportamentais e sociais no Reino Unido; a ampliação da participação das mulheres na esfera pública suscitou debates, críticas e polêmicas. Sendo responsáveis pela maioria dos romances publicados no período, as mulheres conquistaram seu espaço no mercado editorial às custas de chacotas presentes em artigos em periódicos e capítulos de livros. Seja como leitoras, seja como autoras, a entrada das mulheres no espaço da literatura foi acompanhada por discursos negativos, que associavam sua participação à falta de qualidade dos romances.

---

<sup>22</sup> Tradução minha de: “Each part would look and feel like a luxury triple-decker volume, with similar typography, spacing and paper quality, but be sized to fit a jacket pocket”.

<sup>23</sup> Tradução minha de: “The ketchup in this bottle is the guaranteed product of real mushrooms, gathered fresh from the meadow surrounding the birthplace of George Eliot and is the purest form of mushroom ketchup available. (...) The meadows where Eliot played as a child, from where she drew inspiration to define a particular form of English life (...), which readers could contemplate, gossip about, travel to, walk in and now taste, were a shared site for both Eliot’s literature and this bottled sauce”.

As autoras de romances deste período eram cobradas a produzir romances morais, a fim de evitar os efeitos perversos da leitura; a evitar interesses pecuniários ao publicar seus livros, apesar de muitas vezes não possuírem outra fonte de renda ou mesmo o direito à herança; e a evitar ligações com os movimentos de conquista dos direitos às mulheres, como vemos em acusações como a de Stuart Hall – que dizia que “as verdadeiramente grandes e essencialmente boas mulheres (...) teriam feito seus protestos se estivessem vivas para ver como certas lutadoras tolas se empenham em distorcer seus sexos”.<sup>24</sup>

Virginia Woolf, em 1929, já havia percebido que questões históricas de desigualdade separavam as mulheres dos homens na sociedade como um todo; o que recaía de maneira insidiosa na participação de mulheres na literatura. Contudo, mesmo antes de conquistarem o almejado teto e terem pleno acesso ao ensino regular, houve uma explosão de mulheres se lançando na empreitada de escrever ficção:

A ficção foi e continua sendo a coisa mais fácil para uma mulher escrever. E não será difícil explicar por quê. O romance é a forma de arte que não exige concentração. Pode-se pegar, largar, voltar a ela mais facilmente do que se faria com um poema ou uma peça de teatro. George Eliot abandonou seu trabalho para cuidar de seu pai. Charlotte Brönte baixou sua pena para arrancar brotos de batatas. E vivendo como ela viveu, sentada em salas de estar, rodeada de pessoas, a mulher foi treinada para usar sua mente para a observação e para a análise de personalidades. Ela foi treinada para ser uma romancista, não uma poeta (IDEM, p. 78 e 79).<sup>25</sup>

De fato, a presença de mulheres na ficção é usual; mas talvez isso mais tenha a ver com a tradição de romancistas firmada antes de Jane Austen do que com as salas de estar; de todos os inóspitos ambientes para mulheres na literatura o romance foi historicamente o gênero mais aberto a recebe-las. Se para Woolf “a mulher e a ficção permanecem, até onde me consta, questões sem soluções” (WOOLF, 1929, p. 1), podemos dizer que, 87 anos depois, conseguimos avançar bastante com estudos e dados.

## Referências

---

<sup>24</sup> IDEM. Tradução minha de: “the truly great and essentially good women I have described would have ‘entered their protests’ if they had lived to see the peril in which certain foolish brawlers are striving to place their sex”.

<sup>25</sup> Tradução minha de: “Fiction was, as fiction still is, the easiest thing for a woman to write. Nor is it difficult to find the reason. A novel is the least concentrated form of art. A novel can be taken up or put down more easily than a play or a poem. George Eliot left her work to nurse her father. Charlotte Brönte put down her pen to pick the eyes out of the potatoes. And living as she did in the common sitting-room, surrounded by people, a woman was trained to use her mind in observation and upon the analysis of character. She was trained to be a novelist and not to be a poet”.

Anônimo. “Novel reading, a cause of female depravity”. In *The New England Quarterly Magazine*. n. 1, abril - junho, 1802. p. 172-174. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=eB82AAAAMAAJ&lpg=PA172&dq=Novel%20reading%3A%20a%20cause%20of%20female%20depravity&hl=pt-BR&pg=PA172#v=onepage&q&f=false>> (acesso em: 30/09/2016).

Anônimo. “Novel reading, a cause of female depravity”. In *The Atheneum, Or, Spirit of the English Magazines*. vol. 1, abril-outubro de 1817. p. 717-720. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=YrsQAQAAMAAJ&dq=The%20Atheneum%20volume%201.&hl=pt-BR&pg=PT6#v=onepage&q&f=false>> (acesso em: 30/09/2016).

ABREU, Márcia. “Uma comunidade letrada transnacional”. In ABREU, Márcia e DEACTO, Marisa Midori. (Org.). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, Brasil: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. Disponível em: <[https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao\\_transatlantica\\_dos\\_impre](https://issuu.com/marciaabreu/docs/circulacao_transatlantica_dos_impre)> (acesso em: 06/09/2016).

ARCHBOLD, William Arthur Jobson. “Lee, Harriet” e “Lee, Sophia”. In *Dictionary of National Biography*, 1892, p. 32. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/Lee,\\_Sophia\\_\(DNB00\)](https://en.wikisource.org/wiki/Lee,_Sophia_(DNB00))> (acesso em: 09/10/2016).

BLAIN, Virginia. CLEMENTS, Patricia, GRUNDY, Isabel. *The Feminist Companion to Literature in English: Women Writers from the Middle Ages to the Present*. New Haven, EUA: Yale University Press, 1990.

BODE, Katherine. “Graphically Gendered: A Quantitative Study of the Relationships between Australian Novels and Gender from the 1830s to the 1930s”. In *Australian Feminist Studies* 23.58 (2008). p. 435-450. Disponível em: <https://openresearch-repository.anu.edu.au/handle/1885/8559> (acesso em: 02/10/2016).

FROST, Simon R. *The Business of the Novel: Economics, Aesthetics and the Case of Middlemarch*. Londres, Reino Unido: Pickering & Chatto, 2012.

HALL, Stuart Carter. *A book of memories of great men and women of the age, from personal acquaintance*. Londres: View, 1877. Disponível pelo Internet Archive em: <https://archive.org/details/cu31924104003144> (acesso em 02/10/2016).

LEE, Elizabeth. “Porter, Anna Maria”, in *Dictionary of National Biography*. vol. 46, 1896. Disponível pelo Wikisource em: [http://en.wikisource.org/wiki/Porter,\\_Anna\\_Maria\\_\(DNB00\)](http://en.wikisource.org/wiki/Porter,_Anna_Maria_(DNB00)) (acesso em 02/10/2016).

\_\_\_\_\_. “Porter, Jane”. In *Dictionary of National Biography, 1885-1900*, volume 46. Disponível pelo Wikisource em: [http://en.wikisource.org/wiki/Porter,\\_Jane\\_\(DNB00\)](http://en.wikisource.org/wiki/Porter,_Jane_(DNB00)) (acesso em: 02/10/2016).

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo, Brasil: Edusp, 2001.

PEARSON, Jacqueline. *Women's Reading in Britain, 1750-1835: a dangerous recreation*. Nova Iorque, EUA: Cambridge University Press, 1999. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=4BaREJtu3c0C&lpg=PP1&ots=kfh\\_H0EN7F&dq=J.%20Pearson%3A%20Women%E2%80%99s%20Reading%20in%20Britain%20\(1999\)&lr&hl=pt-BR&pg=PR4#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=4BaREJtu3c0C&lpg=PP1&ots=kfh_H0EN7F&dq=J.%20Pearson%3A%20Women%E2%80%99s%20Reading%20in%20Britain%20(1999)&lr&hl=pt-BR&pg=PR4#v=onepage&q&f=false)> (acesso em: 02/10/2016).

ROBINSON, Mary. *Memoirs of Mary Robinson*, 1895. Disponível em: <<http://digital.library.upenn.edu/women/robinson/memoirs/memoirs.html>> (acesso em: 09/10/2016).

ROGERS, Pat. Resenha sobre *Mothers of the novel*. In *London Review of Books*, Vol. 8, No. 14, 7 de Agosto de 1986, pp. 11-13. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v08/n14/pat-rogers/puellilia>> (acesso em: 04/10/2016).

SPENDER, Dale. *Mothers of the Novel: 100 Good Women Writers Before Jane Austen*. Londres, Reino Unido: Pandora Press, 1987.

TURNER, Cheryl. *Living by the Pen: Women Writers in the Eighteenth Century*. Londres, Reino Unido: Routledge, 2002.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. Campinas, Brasil: Instituto de Estudos da Linguagem, s/d. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandra.htm> (acesso em: 30/08/2014)

\_\_\_\_\_. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. São Paulo, Brasil: HUCITEC/FAPESP, 2007

VOGRINČIČ, Ana. “The Novel-Reading Panic in 18<sup>th</sup> Century in England: An Outline of an Early Moral Media Panic”. In *Medij. istraž. (god. 14, br. 2)*, 2008. p. 103-123. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwikhOiqw8nPAhWHiZAKHRT8DEkQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fhrcaak.srce.hr%2Ffile%2F49661&usg=AFQjCNG9qxGza6HvmF1hve3z\\_Y8A9X1H5A](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwikhOiqw8nPAhWHiZAKHRT8DEkQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fhrcaak.srce.hr%2Ffile%2F49661&usg=AFQjCNG9qxGza6HvmF1hve3z_Y8A9X1H5A)> (acesso em: 30/09/2016).

WOOLF, Virginia. *A Roof of One's Own*. Nova Iorque, EUA: Harcourt, Brace and Company, 1929. Disponível em: <<https://victorianpersistence.files.wordpress.com/2013/03/a-room-of-ones-own-virginia-woolf-1929.pdf>> (acesso em: 30/09/2016).

\_\_\_\_\_. *Granite and Raibow*. Nova Iorque, EUA: Harcourt, Brace and Company, 1958. Disponível em: <[https://archive.org/stream/graniterainbowes00wool/graniterainbowes00wool\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/graniterainbowes00wool/graniterainbowes00wool_djvu.txt)> (acesso em: 30/09/2016).

Texto recebido em: 30/11/2016.

Texto aprovado em: 10/05/2017.